



DIZERES SOBRE A LINGUAGEM NEUTRA DE GÊNERO NO CIBERESPAÇO: LÍNGUA E GÊNERO EM DISCURSIVIDADE

Camilla Machado Cruz¹
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

RESUMO

Neste artigo, apresentamos uma análise discursiva de dizeres sobre a linguagem neutra de gênero nas seguintes materialidades significantes: 1) Episódio de *podcast* intitulado “Não existe linguagem neutra! Uma conversa com Raquel Freitag” (Linguística ON, 2024); 2) Entrevista intitulada “A(s) linguística(s) e a linguagem neutra: Entrevista com Raquel Meister Ko Freitag” (Freitag, 2023). A linguagem neutra de gênero, também denominada linguagem não binária, propõe a visibilização de sujeitos-não-binários na língua, ou seja, aqueles que não se identificam com o binarismo de gênero (masculino/feminino). Nossa objetivo, neste estudo, é compreender como o discurso sobre a linguagem neutra de gênero circula no ciberespaço, na contemporaneidade (2023/2024), a partir da perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso (AD) de filiação materialista. Vale dizer que o discurso em análise é de autoria de um sujeito-linguista, especificamente um sujeito-sociolinguista, a quem estão autorizados determinados sentidos a serem discursivizados e não outros. Acreditamos na relevância de depreender acerca dos efeitos de sentido produzidos pelo/na discurso enunciado por um sujeito-linguista, tendo em vista a necessidade emergente de estudos discursivos sobre a temática da linguagem neutra de gênero, ainda que consideremos que nem a língua, nem a linguagem, nem mesmo o ciberespaço, sejam neutros ou transparentes, mas opacos e passíveis de equivocidade. Por fim, observamos que o discurso do sujeito-linguista produz sentidos de incerteza e busca de autoridade sobre a língua portuguesa e sobre a linguagem neutra no ciberespaço.

Palavras-chave: Discurso digital. Linguagem neutra de gênero. Língua. Gênero. Ciberespaço.

RESUMEN

En este artículo, presentamos un análisis discursivo de lo que se ha dicho acerca del lenguaje inclusivo de género en las siguientes materialidades significantes: 1) Episodio de *podcast* intitulado “Não existe linguagem neutra! Uma conversa com Raquel Freitag” (Linguística ON, 2024); 2) Entrevista intitulada “A(s) linguística(s) e a linguagem neutra: Entrevista com Raquel Meister Ko Freitag” (Freitag, 2023). El lenguaje inclusivo de género, también denominado lenguaje no binario, propone la visibilización de sujetos-no-binarios en la lengua, o sea, quienes no se identifican con el binarismo de género (masculino/femenino). Nuestro objetivo, en esta investigación, es comprender cómo el discurso acerca del lenguaje inclusivo de género circula en el ciberespacio, en la contemporaneidad (2023/2024), a partir de la perspectiva teórico-metodológica del Análisis del Discurso (AD) de filiación materialista. Vale decir que el discurso en análisis es de autoría de un sujeto-lingüista, específicamente un sujeto-sociolinguista, a quien se autorizan determinados sentidos a discursivizarse y no otros. Creemos en la relevancia de deprender acerca de los efectos

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/Campus Cascavel) e mestra em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: camillcruz@gmail.com



de sentido que se producen por/en el discurso enunciado por un sujeto-lingüista, al tenerse en cuenta la necesidad emergente de estudios discursivos acerca de la temática del lenguaje inclusivo de género, aunque consideremos que ni la lengua, ni el lenguaje, ni mismo el ciberespacio, sean neutros o transparentes, pero opacos y pasibles de equivocidad. Por fin, observamos que el discurso del sujeto-lingüista produce sentidos de incertidumbre y búsqueda de autoridad sobre la lengua portuguesa y sobre el lenguaje inclusivo de género en el ciberespacio.

Palavras-clave: Discurso digital. Lenguaje inclusivo de género. Lengua. Género. Ciberespacio.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atualmente, muito se discute acerca da linguagem neutra de gênero, inclusive no âmbito do ciberespaço. Essa linguagem é também denominada linguagem não binária ou neolinguagem. Tendo em vista que o uso do termo “linguagem neutra” vem se popularizando na sociedade brasileira (em notícias, leis, manuais, redes sociais, etc.), optamos por utilizar tal denominação neste estudo.

Vale explicitar que, considerando a língua portuguesa, esse tipo de linguagem propõe diversas alternativas de mudanças linguísticas no que se refere a marcações de gênero, desde o uso de pronomes neutros/não binários em substituição a pronomes binários — como “ile”/“elu” e “dile”/“delu” —, até o uso da vogal “e” em substantivos, como “todes”, “amigues” e “alunes” (em substituição a todos/as, amigos/as e alunos/as), por exemplo. Algumas recomendações de uso da linguagem neutra podem ser consultadas no “Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa” (Caê, 2020), bem como em outros manuais em circulação no ciberespaço.

Entendemos, em consonância com a analista de discurso brasileira Medeiros (2024), que esse tipo de linguagem faz parte da linguagem inclusiva de gênero, a qual prevê uma perspectiva ampla de inclusão na língua, no que se refere a gênero identitário, rejeitando o uso do masculino genérico e visibilizando o feminino e gêneros não binários.

Neste estudo, apresentamos uma análise discursiva de dizeres sobre a linguagem neutra de gênero, enunciados por um sujeito-linguista, nas seguintes materialidades significantes: 1) Episódio de podcast intitulado “Não existe linguagem neutra! Uma conversa com Raquel Freitag” (Linguística ON, 2024), veiculado na plataforma Spotify; 2) Entrevista intitulada “A(s) linguística(s) e a linguagem neutra: Entrevista com Raquel Meister Ko Freitag” (Freitag, 2023), publicada na Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL.

O objetivo deste estudo é compreender como o discurso sobre a linguagem neutra de gênero circula no ciberespaço, na contemporaneidade, pela perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso (doravante AD) de filiação materialista, ou seja, trata-se de uma disciplina da interpretação, a qual tem como objeto o discurso e concebe o sujeito como conceitual, descentralizado, simbólico e histórico (Orlandi, 2023).

Para tanto, nesta investigação, nos questionamos o seguinte: de que modo os dizeres de um sujeito-linguista (especificamente de um sujeito-pesquisador do campo da Sociolinguística, logo, de um sujeito-sociolinguista) produzem sentido no ciberespaço, na contemporaneidade de 2023/2024?

Nesse aspecto, é necessário pontuar que a Sociolinguística é um campo teórico da Linguística que tem como interesse científico “analisar o vernáculo de uma comunidade de fala” (Freitag; Lima, 2010, p. 88). Dito de outra forma, a Sociolinguística investiga a relação entre a sociedade e a língua,



considerando a influência de fatores sociais nos usos linguísticos de uma comunidade de fala determinada.

Nas seções seguintes, apresentamos uma breve descrição das materialidades significantes deste estudo, bem como as análises das sequências discursivas (SD), as quais serão descritas em duas etapas, respectivamente: análise do episódio de podcast e análise da entrevista acadêmica.

1 O DISCURSO DIGITAL SOBRE A LINGUAGEM NEUTRA DE GÊNERO

Antes de iniciar as análises aqui empreendidas, é crucial explicar que o *corpus* de nossa análise compreende em duas entrevistas direcionadas a um sujeito-linguista: um episódio de *podcast* e uma entrevista publicada em um periódico acadêmico, como dito anteriormente.

A composição material desses objetos simbólicos, em suas especificidades, nos faz questionar acerca das materialidades significantes que os compõe. Por isso, é importante dizer que a materialidade desses objetos se estrutura verbalmente de duas maneiras distintas: escritura planejada (no caso da entrevista de periódico acadêmico) e oralidade não planejada (como ocorre com a entrevista em áudio de *podcast*).

Essas observações pontuais nos permitem pensar no modo como os objetos simbólicos específicos, em suas constituições materiais particulares, se diferenciam do *corpus* de análise e da materialidade significante, conforme nos adverte a analista de discurso brasileira Lagazzi (2023, p. 318, grifos da autora): “a materialidade significante não se confunde com objeto simbólico, nem tampouco com o *corpus* de análise”.

Ainda de acordo com Lagazzi (2010, p. 173), no trabalho com as diferentes materialidades, é necessário “tomarmos o sentido como efeito de um trabalho simbólico sobre a cadeia significante, na história, compreendendo a materialidade como o modo significante pelo qual o sentido se formula”.

Nessa perspectiva, na demanda de interpretar, produzir análises discursivas é trabalhar a contradição, a falta e a incompletude da linguagem no discurso, em determinadas condições históricas, as quais constituem as diversas materialidades significantes imbrincadas na heterogeneidade do *corpus*, a partir de certos objetos simbólicos elegidos pelo analista.

2 LÍNGUA E GÊNERO EM DISCURSIVIDADE NO CIBERESPAÇO: ANÁLISE DO EPISÓDIO DE PODCAST

A fim de desenvolver nossas análises, sempre em um movimento entre descrição e interpretação, entre teoria e análise, “em um batimento de corte e costura que tece e destece os sentidos” (Abrahão e Sousa; Ribeiro, 2023, p. 137), iniciaremos, neste primeiro momento, pelas análises das sequências discursivas (SD) transcritas a partir do episódio de podcast publicado pelo Linguística ON, no Spotify, intitulado “Não existe linguagem neutra! Uma conversa com Raquel Freitag” (Linguística ON, 2024), o qual veicula uma entrevista com a Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag (UFS). Sinalizamos que a duração do podcast em análise é de 26 minutos e 20 segundos (26:20).

O podcast Linguística ON é produzido pelo Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero (UFRGS), tendo seu primeiro episódio sido publicado em julho de 2024. Além do episódio em análise, outros episódios que versam sobre linguagem neutra foram publicados: “Linguagem neutra” e “Ainda a linguagem neutra”. Tais episódios tratam de discussões com base na obra “Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate” (Barbosa Filho; Othero, 2022). O título do podcast faz referência aos sentidos de uma linguística on-line, que está conectada eletronicamente e relacionada com a atualidade. Não se trata de uma linguística off-line, desconectada da sociedade, mas de uma



linguística que ultrapassa o âmbito universitário, está presente nas redes, no ciberespaço, produzindo e fazendo circular discursos no espaço digital.

A seguir, apresentamos a SD1 (7:27-8:08).

SD1: Não, ela não é neutra. Talvez ela seja hegemônica; talvez ela seja conveniente; talvez ela seja alinhada a valores socioculturais estabelecidos nesse momento na sociedade. Mas, neutra, não é. Identidades de gênero e outras referências a gênero, que não, né, o binário estabelecido, em outras partes do mundo, né, têm alguns rótulos. No Brasil, ele se consolidou por “linguagem neutra”, né. E é esse o rótulo pelo qual esse fenômeno emergente tem se ~~consolidado~~ (interrompe a palavra) difundido. (Linguística ON, 2024, grifos nossos).

Em SD1, os sentidos de neutralidade, de não tomar partido, jogam em contradição com os sentidos de hegemonia, conveniência e alinhamento. Nesse viés, o sujeito-linguista (sujeito conceitual, não empírico) se inscreve em uma posição de autoridade de dizer sobre a relação entre linguagem e “valores socioculturais” específicos, os quais condicionam o que é “hegemônico”, “conveniente” e “alinhado” a determinados valores na contemporaneidade social: a linguagem neutra.

O sujeito-linguista se inscreve em uma posição de poder dizer sobre a linguagem neutra, especialmente porque publicou, no mesmo ano de 2024, uma obra sobre o tema, intitulada “Não existe linguagem neutra!: gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro” (Freitag, 2024), título referido no título do episódio de podcast. Trata-se de um sujeito-sociolinguista que está autorizado a falar de gênero no que diz respeito à linguagem, à sociedade brasileira atual, à gramática da língua portuguesa e ao uso dessa língua no território brasileiro.

Os sentidos sobre essa linguagem não são neutros, pelo contrário: ao usá-la, o sujeito se posiciona, toma partido. É uma linguagem supostamente preponderante e necessária, que estaria de acordo com a comunidade falante brasileira, a qual é diversa no tocante ao gênero identitário, não é uma comunidade de sujeitos unicamente binários, formada somente por homens e mulheres.

Contudo, todos esses sentidos são relativizados pela repetição da palavra “talvez” diante de cada adjetivo referido à linguagem neutra. Ela pode ser e pode não ser, depende, não está comprovado cientificamente pelo sujeito-linguista que estuda esse “fenômeno emergente”. Não se diz o que esse tipo de linguagem é, mas se diz o que não é: neutra. A contradição desses dizeres é que neutra é um adjetivo que não lhe pode ser atribuído como característica, embora esteja expresso em sua denominação, em seu “rótulo”.

O ato de interrupção, por parte do sujeito-linguista, ao enunciar a palavra “consolidado” substituindo-a pela palavra “difundido” denuncia que o sentido de permanência do termo “linguagem neutra” ainda não está cristalizado, não pode ser afirmado com solidez, sendo necessário interditá-lo, corrigi-lo, pelo sentido de difusão, de emergência, ou seja, de uso crescente desse tipo de linguagem na sociedade brasileira.

Partindo de uma posição de analistas de discurso, poderíamos considerar essa interrupção inconsciente como uma espécie de ato falho que faz emergir no discurso do sujeito-linguista um posicionamento favorável no que tange a uma possível consolidação da linguagem neutra na sociedade, ainda que sua posição discursiva de profissional do ramo da Sociolinguística não lhe permita estabelecer juízos de valor sobre a língua, delimitando, pela formação discursiva (Pêcheux,



2014), o que ele pode e deve dizer em determinada conjuntura, neste caso, em um podcast que versa acerca de Estudos Linguísticos.

Dessa forma, entendemos o ato falho como um processo discursivo inconsciente que mostra aquilo que o sujeito desejava esconder, produzindo uma fratura no dizer “mediante a substituição, desvio, inversão ou omissão de significantes [...] de forma inesperada e aparentemente estranha” (Ernst, 2018, p. 6).

A seguir, apresentamos a SD2 (8:53-9:14).

SD2: Não é neutro, né, neutro no sentido de isento. Ao escolher uma marca para referência a gênero, à pessoa, seja qual for essa marca, eu me alinho a um posicionamento, né, a uma ideologia de gênero, o que quer que isso seja, não é neutra. (Linguística ON, 2024).

Em SD2, o sujeito-linguista, ao enunciar sobre a linguagem neutra, atribui à palavra “neutro” o sentido de “isento”, isto é, desprovido de posicionamento e aparte criticamente, dizendo que esse não é um sentido possível quando se fala de linguagem neutra. Nessa direção, escolher usar ou não a linguagem neutra, marcando gramaticalmente o gênero na língua, seria um modo de posicionarse politicamente no que diz respeito ao gênero identitário. Seria esse uso, portanto, uma questão de escolha do “eu”: que sujeitos visibilizar na/pela língua? Homens, mulheres ou não binários?

Assim, ao optar por determinada marcação de gênero na língua, o sujeito se afastaria da neutralidade, alinhando-se a um “posicionamento”, a uma “ideologia de gênero” (“o que quer que isso seja”), tendo em vista “a escalada do conservadorismo como força política” (Medeiros, 2024, p. 99) na formação social brasileira contemporânea.

Ao enunciar “o que quer se isso seja” referindo-se a “uma ideologia de gênero”, o sujeito-linguista produz sentidos de indiferença e desvio sobre o conceito dessa “ideologia”, dada a memória discursiva que atravessa esse dizer, ao que “fala antes, em outro lugar, independentemente” (Orlandi, 2020, p. 29): uma memória do conservadorismo emergente nas condições de produção da época de circulação de discursos acerca da “ideologia de gênero”, anterior à entrevista.

Na perspectiva discursiva que adotamos neste estudo, as condições de produção são basilares para a compreensão dos processos discursivos. Segundo Orlandi (2020), as condições de produção concernem tanto ao sujeito quanto à situação, sendo consideradas em sentido estrito e em sentido amplo, funcionando em conjunto com a memória discursiva na produção de sentidos. Estritamente, as circunstâncias da enunciação se relacionam ao contexto imediato do dizer. Por outro lado, amplamente, contemplam o contexto sócio-histórico e ideológico do dizer. Dito de outra forma: a exterioridade atravessa o discurso e o sujeito de maneira incontornável.

Para a AD materialista, a ideologia é constitutiva de sujeitos, aquilo que o interpela (Pêcheux, 2014). Diferentemente, vale ressaltar que o sentido atribuído à “ideologia” nessa SD2 é o de um conjunto de ideias sobre identidade de gênero, que podem ser favoráveis ou não à diversidade de gênero e ao não binarismo, apesar de que isso não possa apagar a existência de sujeitos-não-binários na sociedade, mas torne possível invisibilizá-los na/pela língua.

3 LÍNGUA E GÊNERO EM DISCURSIVIDADE NO CIBERESPAÇO: ANÁLISE DA ENTREVISTA ACADÊMICA

Neste segundo momento, analisaremos as sequências discursivas (SD) correspondentes à entrevista (constituída de 8 páginas e 5 perguntas/respostas e publicada em 2023), também com a



Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag, publicada na Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL intitulada “A(s) linguística(s) e a linguagem neutra: Entrevista com Raquel Meister Ko Freitag” (Freitag, 2023). É relevante mencionar que a ReVEL é uma revista eletrônica acadêmica que publica artigos, resenhas e entrevistas da área de Estudos Linguísticos desde 2003.

Em seguida, apresentamos a SD3, referente à resposta da primeira questão da entrevista, acerca do papel da Linguística na discussão sobre a linguagem neutra.

SD3: [...] há muitas opiniões sem embasamento, mas que ganham espaço na mídia e status de discurso de autoridade, assim como há uma grande produção de manuais prescrevendo o uso de linguagem neutra na comunicação cotidiana. Há ainda iniciativas legislativas para proibir ou barrar o seu uso (que é, diga-se, ainda muito restrito). E a Linguística, assim como as demais ciências, está bastante periférica deste debate [...]. (Freitag, 2023, p. 95-96).

Em SD3, os dizeres sobre a linguagem neutra produzem sentidos de popularização dos saberes sobre a língua, os quais “ganham espaço” em três instâncias discursivas: o discurso midiático (das mídias), o discurso didático (dos manuais) e o discurso legislativo (das leis). O discurso linguístico (da ciência Linguística), que estaria autorizado a dizer sobre, não faz parte de forma incisiva dessa popularização de dizeres acerca da linguagem neutra.

Nessa esteira, o discurso direciona os sentidos para uma banalização da posição de autoridade de dizer sobre a língua, em uma sociedade na qual “opiniões sem embasamento” sobre a linguagem neutra são ditas na mídia (que propaga informações), nos manuais/guias (que prescrevem o uso desse tipo de linguagem) e nas iniciativas legislativas (que buscam cercar a língua, proibindo tal uso, “ainda muito restrito”).

Em contraponto, o sujeito-linguista enuncia nesse espaço de embate dos sentidos sobre a linguagem neutra, no qual algo parece falhar, pois a ciência que tem a língua e a linguagem como objeto de estudo — a Linguística — está localizada numa posição “periférica”, enquanto deveria estar numa posição de “status de discurso de autoridade”, a qual lhe caberia socialmente. Não só a Linguística não está ocupando esse lugar de poder: as “demais ciências” tampouco estão.

Para a analista de discurso brasileira Dias (2022), no espaço digital, os sentidos, a escrita, a leitura e os sujeitos se automatizam. Por conseguinte, pensar o digital como condição e desdobramento de discursividades nos convoca a refletir sobre as formas de produção de “um espaço polêmico das leituras de arquivos” (Dias, 2022, p. 22). Logo, o digital é considerado um espaço simbólico dotado de opacidade, o qual requer gestos de interpretação discursivos específicos, visto que é atravessado na/pela história e constituído de sujeitos e sentidos.

Nesse sentido, o funcionamento das formações imaginárias, isto é, dos lugares em que os sujeitos imbrincados no discurso se “atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 2014, p. 82), sobre quem pode dizer sobre a língua nos levam a refletir deixando as respostas em aberto, na multiplicidade dos sentidos. Assim, nos questionamos: quais as outras ciências poderiam dizer sobre a linguagem neutra? Todas elas ocupariam uma posição de autoridade apenas por serem científicas ou apenas algumas poderiam ocupar esse lugar de poder? A quem caberia dizer sobre a língua e a quem não caberia fazê-lo? O que significa ter “embasamento” para dizer sobre a língua e a linguagem? Que sujeitos utilizam a



linguagem neutra? Ou ainda: caberia aos sujeitos-linguistas ocuparem espaços de poder na mídia, na produção de manuais e no âmbito legislativo a fim de dizer sobre a linguagem neutra?

Ao enunciar no ciberespaço, o sujeito-linguista populariza os sentidos sobre a linguagem neutra no/pelo discurso digital, tornando determinados saberes linguísticos acessíveis a quem pretende buscá-los ou compartilhá-los na rede. No entanto, não faz com que esses saberes circulem no/pelo discurso midiático, didático ou legislativo, os quais estão mais acessíveis a toda a comunidade falante, ou seja, a qualquer sujeito que está constantemente exposto às mídias, aos manuais e às leis.

Antes de apresentarmos a SD4, é importante explicar que Freitag (2023) considera a linguagem inclusiva como a marcação explícita de gênero e a linguagem não sexista como a não marcação de gênero. Por exemplo: dizer “alunos e alunas” seria considerado um uso da linguagem inclusiva, enquanto dizer “estudantes” ou “discentes” seria um uso da linguagem não sexista.

Dito isso, a seguir, apresentamos a SD4, referente à resposta da quarta pergunta da entrevista, sobre a(s) diferença(s) entre a linguagem inclusiva de gênero e a linguagem neutra.

SD4: O movimento de linguagem neutra prevê a neutralização do gênero. Não dar evidência ou visibilidade a um gênero, como o movimento de linguagem não sexista propõe, é diferente de neutralizar o gênero. Pessoas têm gênero, e sequer sabemos quantos são os gêneros, haja vista movimentos LGBT+ adicionarem sistematicamente novas possibilidades de expressão, identificação e orientação. Neutralizar o gênero é utilizar uma forma para não referir a gênero. [...] O sistema da língua já dispõe de uma forma para essas mesmas funções, o masculino genérico; ao substituí-lo por outra forma, estamos mais uma vez invisibilizando o feminino. (Freitag, 2023, p. 100).

Em SD4, a última SD analisada neste estudo, o sujeito-linguista distingue o “movimento de linguagem neutra” (o qual busca neutralizar o gênero) do “movimento de linguagem não sexista” (o qual busca algo “diferente de neutralizar o gênero”). Os dizeres sobre a “neutralização do gênero”, proposta pelo movimento LGBT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e outros gêneros e sexualidades), produzem sentidos de invisibilização do sujeito-mulher, de apagamento da luta feminista pelo desdobramento do gênero gramatical feminino, contrariando o masculino genérico.

Desse modo, um jogo de disputa entre os sentidos de “neutralizar” e “apagar” o gênero na língua atravessa o discurso enunciado pelo sujeito-linguista. Tal discurso equipara o uso da linguagem neutra com o uso do masculino genérico, enfatizando que o uso do neutro substitui o do masculino genérico, produzindo sentidos de apagamento da luta LGBT+, a qual, bem como o movimento não sexista, se posiciona contrariamente ao masculino genérico.

Finalmente, em consonância com Pêcheux (2014), podemos pensar que essas “novas possibilidades de expressão, identificação e orientação” dos sujeitos na sociedade contemporânea são atravessadas pela incompletude do discurso, dos efeitos de sentido, na opacidade da língua, considerada a base dos processos discursivos, assim como da linguagem, esse sistema de instabilidades, dotado de ambiguidades, faltas e equivocidades, que nos constitui enquanto sujeitos ideológicos afetados pelo inconsciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Entendemos que a AD materialista, “como reflexão teórica e prática analítica, pulsa em questionamentos diante de seus objetos de análise” (Mariani, 2023, p. 28). Portanto, para efeito de fechamento deste estudo, dado que consideramos todo o discurso aberto à multiplicidade de interpretações, buscamos aqui responder ao nosso questionamento inicial: de que modo os dizeres de um sujeito-linguista produzem sentido no ciberespaço, na contemporaneidade?

Desde o nosso gesto de interpretação, nas condições de produção atuais, urge no sujeito, que pode identificar-se com diversos gêneros, para além do binarismo, a necessidade de simbolizar-se na/pela língua. Por isso, não cabe ao sujeito-linguista uma posição maniqueísta sobre a linguagem neutra, mas uma posição observadora sobre como a língua não pode ser cerceada e submetida aos desejos do sujeito.

Por fim, com esse estudo, compreendemos que os dizeres do sujeito-linguista produzem sentidos de incerteza e busca de autoridade sobre a língua portuguesa e sobre a linguagem neutra no ciberespaço, num esforço de tentar dar conta de um movimento de resistência (Pêcheux, 1990) entre ideologias dominantes e dominadas, de desvio e mudança de sentidos, de quebra de rituais, transgressão de fronteiras, questionamento de ordens e ruptura de repetições. No que se refere à linguagem neutra, podemos pensar na noção discursiva de resistência, como aquilo que toca na língua e se constitui socio-historicamente no ato de “[...] deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras...” (Pêcheux, 1990, p. 17).

Tal movimento de resistência desestabiliza os saberes linguísticos que conhecíamos até então, num jogo de tensão entre o mesmo e o diferente, entre paráfrase e polissemia, sendo a paráfrase aquilo que se estabiliza discursivamente e a polissemia aquilo que se desloca discursivamente (Orlandi, 2020). Nesse jogo de disputa pelos sentidos sobre a língua, a paráfrase concerne na repetição de que a língua portuguesa é binária naturalmente e assim deve permanecer, enquanto a polissemia consiste naquilo que busca modificar a língua para incluir o sujeito-não-binário, diferindo do que foi convencionado linguisticamente. Nesse jogo de tensão entre uma memória e uma atualidade, a estrutura do masculino genérico se encontra com o acontecimento do gênero neutro que a linguagem neutra propõe na sociedade atual.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO E SOUSA, L. M.; RIBEIRO, T. de M. Travessias de uma análise: o gesto de leitura de cada analista. In: SOARES, A. S. F.; GARCIA, D. A.; VIEIRA, N. C. (org.). **Tornar-se analista de discurso**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2023. p. 129-153.
- BARBOSA FILHO, F. R.; OTHERO, G. de Á. (org.). **Línguagem “neutra”**: língua e gênero em debate. 1. ed. Parábola: São Paulo, 2022.
- CAÊ, G. **Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa**. Foz do Iguaçu: Frente Trans Unileira, 2020. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/informes/manual-de-linguagem-neutra/Manualdelinguagemneutraport.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2025.
- DIAS, C. P. C. Discurso digital: efeito da automatização da leitura no campo teórico e analítico da Análise do Discurso. In: GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. et al. (org.). **Estudo do texto e do discurso: perspectivas contemporâneas**. São Paulo: FFLCH/USP, 2022. p. 18-25. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/935/847/3078>. Acesso em: 14 jan. 2025.



ERNST, A. G. Cinismo e ato falho no discurso político midiático. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 21, n. 2, p. 6-16, 2018. Disponível: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15177>. Acesso em: 15 jan. 2025.

FREITAG, R. M. K. A(s) linguística(s) e a linguagem neutra: Entrevista com Raquel Meister Ko Freitag. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, [S. I.], v. 21, n. 41, p. 95-102, 2023. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/1edc500b6a43280469d553514f444578.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

FREITAG, R. **Não existe linguagem neutra!**: gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2024.

FREITAG, R. M. K. L.; G. de O. S. **Sociolinguística**. São Cristóvão: CESAD/Universidade Federal de Sergipe, 2010.

LAGAZZI, S. Linha de Passe: a materialidade significante em análise. **Revista RUA**, Campinas, v. 2, n. 16, p. 172-182, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638825/6431>. Acesso em: 15 jan. 2025.

LAGAZZI, S. Materialidade discursiva: “não se pode dizer não importa o quê”. In: GRIGOLETTO, E.; CARNEIRO, T. C. da C. (org.). **Diálogos com analistas do discurso**: reflexões sobre a relevância do pensamento de Michel Pêcheux hoje. 1. ed. Campinas: Pontes, 2023. p. 314-319.

LINGUÍSTICA ON: Não existe linguagem neutra! Uma conversa com Raquel Freitag. [Locução de]: Gabriel de Ávila Othero. [S. I.]: **Linguística ON**, 26 ago. 2024. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0auyXIEnVWe2hzeoBP5mr5?si=890d027f99164455>. Acesso em: 10 jan. 2025.

MARIANI, B. Uma proposta de escuta discursiva. In: GRIGOLETTO, E.; CARNEIRO, T. C. da C. (org.). **Diálogos com analistas do discurso**: reflexões sobre a relevância do pensamento de Michel Pêcheux hoje. 1. ed. Campinas: Pontes, 2023. p. 34-40.

MEDEIROS, L. V. A. Linguagem inclusiva de gênero e seus debates controversos: é apenas sobre língua que se discute?. In: DOMINGUEZ, M. G. A.; VELOZO, N. de A. ; COSTA, T. de A. da. (org.). **Políticas de língua, políticas na língua**: reflexões sobre diversidade de gênero e inclusão. 1. ed. São Carlos: Pedro & João, 2024, p. 97-113. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/politicas-de-lingua-politicas-na-lingua-reflexoes-sobre-diversidade-de-genero-e-inclusao/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso: uma ciência da linguagem. In: GRIGOLETTO, E.; CARNEIRO, T. C. da C. (org.). **Diálogos com analistas do discurso**: reflexões sobre a relevância do pensamento de Michel Pêcheux hoje. 1. ed. Campinas: Pontes, 2023. p. 126-131.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de estudos linguísticos**. v. 19. Campinas: Editora Unicamp, p. 7-24, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823>. Acesso em: 12 jan. 2025.



PRIMEIRA ESCRITA

2025 | Volume 12 | Número 1 | Páginas 103-112

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014.